

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**O PAPEL DA EDUCAÇÃO
NO ENFRENTAMENTO
DA CRISE CLIMÁTICA**

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ



Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI



Eixo Temático: Educação Diversidade, Inclusão e Desigualdades

**CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE CRÍTICA PARA A ÉTICA NA
ESCOLA NA TEORIA DA COMPLEXIDADE
CONTRIBUTIONS OF CRITICAL PSYCHOANALYSIS TO ETHICS
IN SCHOOL WITHIN COMPLEXITY THEORY**

Renan Zanon Bock¹

Nilo Mateus Anderson Fricke²

RESUMO

O artigo analisa como a articulação entre a teoria da complexidade e a psicanálise crítica contribui para repensar a ética na escola contemporânea. Parte-se da crítica à fragmentação da educação moderna, que ignora dimensões subjetivas, afetivas e existenciais do processo educativo. Com base em revisão bibliográfica, o estudo dialoga com autores como Edgar Morin, Donald Winnicott e Christian Dunker. Os resultados organizam-se em três eixos: a crítica à racionalidade instrumental, que desvaloriza as subjetividades dos alunos; a proposição do professor como “ambiente suficientemente bom”, capaz de acolher conflitos e sustentar vínculos; e a construção de uma “ética da escuta complexa”, que reconhece a incompletude da formação humana. Conclui-se que essa integração permite pensar uma ética escolar não normativa, centrada na escuta, no vínculo e na prática democrática.

Palavras-chave: Complexidade. Psicanálise Crítica. Ética Escolar. Educação Inclusiva. Comunidade de Aprendizagem.

ABSTRACT

The article analyzes how the articulation between complexity theory and critical psychoanalysis contributes to rethinking ethics in contemporary schooling. It begins with a critique of the fragmentation of modern education, which overlooks subjective, affective, and existential dimensions of the educational process. Based on a bibliographic review, the study engages with authors such as Edgar Morin, Donald Winnicott, and Christian Dunker. The results are organized into three axes: a critique of instrumental rationality, which devalues students' subjectivities; the proposal of the teacher as a “good enough environment,” capable of containing conflicts and sustaining bonds; and the development of an “ethics of complex listening,” which recognizes the incompleteness of human formation. It concludes that this integration enables the conception of a non-normative school ethics, centered on listening, relational bonds, and democratic practice.

Key words: Complexity. Critical Psychoanalysis. School Ethics. Inclusive Education. Learning Community.

¹ Pós-graduando Stricto Sensu em Educação nas Ciências - Mestrado - Bolsista Taxa CAPES Prosuc, renan.bock@sou.unijui.edu.br.



² Pós-graduando Stricto Sensu em Educação nas Ciências - Mestrado - Bolsista Taxa CAPES Prosuc, nilo.fricke@sou.unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

A educação, em sua essência, lida com o complexo despertar da consciência humana para o aprendizado. A partir da perspectiva de Edgar Morin, essa capacidade não é inata, mas uma “segunda natureza” que precisa ser cultivada ao longo da vida, envolvendo dimensões simbólicas, afetivas, cognitivas e éticas. Aprender, nesse sentido, implica um processo mais amplo de formação do sujeito em sua relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

No entanto, a educação contemporânea, frequentemente marcada por processos de fragmentação do conhecimento, tem se afastado dessa dimensão mais ampla da formação humana. A lógica predominante, orientada por critérios de desempenho, produtividade e padronização, tende a desconsiderar os aspectos subjetivos, afetivos e existenciais do aprendizado. Esse movimento contribui para o empobrecimento da experiência educativa, reduzindo o ensino a uma função instrumental.

Diante desse cenário, o presente trabalho busca analisar a religação da ética social sob a perspectiva da teoria da complexidade, articulando-a com contribuições da psicanálise crítica para repensar as práticas escolares frente aos desafios da sociedade contemporânea. Parte-se do pressuposto de que a formação ética não pode ser compreendida apenas como transmissão de normas, mas como um processo relacional, que envolve escuta, vínculo e reconhecimento da alteridade.

Nesse contexto, o trabalho se alinha ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4 da Agenda 2030 da ONU, que visa assegurar uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade. Destacam-se, especialmente, as metas relacionadas à redução das desigualdades educacionais (4.5), à promoção de conhecimentos voltados ao desenvolvimento sustentável (4.7) e à criação de ambientes de aprendizagem seguros e inclusivos (4.a). Ao propor uma ética da escuta e uma pedagogia sensível à diversidade de experiências, este estudo contribui para a reflexão sobre o papel da escola na promoção da justiça social.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este resumo expandido foi elaborado a partir de uma revisão bibliográfica que articula a Teoria da Complexidade de Edgar Morin, a Teoria Crítica da Sociedade — com destaque



para as contribuições de Bernard Lahire sobre a relação entre escola e classes populares — e a Psicanálise Crítica, especialmente a partir das obras de Donald Winnicott e Christian Dunker.

A metodologia consistiu na análise interpretativa dessas produções teóricas, buscando identificar pontos de convergência entre os diferentes autores no que diz respeito à compreensão da formação humana, da ética e dos processos educativos. Foram privilegiadas categorias como racionalidade instrumental, subjetividade, escuta, vínculo e complexidade, entendidas como fundamentais para a construção de uma abordagem não reducionista da educação.

A partir dessa articulação, buscou-se construir um referencial teórico capaz de sustentar a hipótese de que a integração entre teoria da complexidade e psicanálise crítica permite repensar a ética na escola para além de modelos normativos, considerando o caráter relacional, afetivo e existencial do processo educativo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise da educação moderna à luz da teoria da complexidade e da psicanálise crítica revelou resultados significativos, organizados em quatro eixos principais:

A crítica à racionalidade instrumental

A pesquisa evidencia que a educação de massa, historicamente consolidada a partir da modernidade, foi progressivamente moldada por uma lógica produtivista e tecnocrática. Essa racionalidade instrumental, já criticada por autores da Escola de Frankfurt, reduz o conhecimento a um meio de adaptação às exigências do sistema econômico e social, esvaziando seu potencial crítico e formativo.

No contexto escolar, essa lógica se expressa na centralidade de avaliações padronizadas, na ênfase em resultados mensuráveis e na fragmentação dos conteúdos em disciplinas isoladas. O saber passa a ser organizado de forma compartimentalizada, dificultando a compreensão de sua relação com a vida concreta dos sujeitos. Como consequência, o processo educativo tende a desconsiderar dimensões fundamentais da experiência humana, como os afetos, os conflitos, os desejos e as contradições.

Essa problemática torna-se ainda mais evidente quando analisamos a situação das classes populares. Conforme aponta Bernard Lahire (2019), crianças oriundas de contextos socialmente desfavorecidos desenvolvem disposições específicas de relação com o mundo,

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUÍ


UNIJUÍ
UNIVERSIDADE REGIONAL

construídas a partir de suas experiências concretas. No entanto, esses saberes raramente são reconhecidos pela escola, que opera a partir de códigos culturais distantes de sua realidade.

Esse descompasso contribui para a produção do fracasso escolar, entendido não como incapacidade individual, mas como efeito de uma estrutura que privilegia determinados modos de pensar e deslegitima outros. Assim, a escola, ao invés de funcionar como espaço de inclusão, pode acabar reforçando desigualdades já existentes.

Diante disso, a teoria da complexidade, conforme proposta por Edgar Morin (2015) nos convoca a uma reforma do pensamento que religue os saberes fragmentados e integre as múltiplas dimensões da formação humana. Trata-se de reconhecer que o conhecimento é sempre situado em contextos históricos, sociais e culturais. Essa perspectiva abre espaço para uma educação que valorize a diversidade de experiências e que reconheça o sujeito em sua complexidade.

O papel do professor como “ambiente suficientemente bom”

A partir das contribuições de Donald Winnicott (2024), a pesquisa propõe uma reconfiguração do papel do professor, compreendido como um “ambiente suficientemente bom”. Esse conceito, originalmente formulado no campo da psicanálise, refere-se a um ambiente que sustenta o desenvolvimento do sujeito ao mesmo tempo em que tolera suas falhas, suas manifestações de agressividade e seus momentos de desorganização.

Transposto para o contexto escolar, esse conceito permite pensar o professor não apenas como transmissor de conteúdos, mas como alguém capaz de sustentar o espaço relacional necessário para que o aluno possa se desenvolver. Isso implica acolher o caos inicial que frequentemente acompanha o processo de aprendizagem, sem transformá-lo imediatamente em erro ou punição.

A agressividade, nesse sentido, deve ser compreendida como expressão de um sujeito em processo de constituição. Como destaca Edgar Morin (2015), um dos desafios da educação é “transformar a violência dos alunos em conflito de palavras e ideias” (p.84). Essa transformação exige uma postura docente baseada na escuta, na presença e na capacidade de sustentar o vínculo mesmo diante do conflito.

Para alunos das classes populares, essa dimensão é ainda mais relevante. Muitas vezes, a escola se torna um dos poucos espaços onde suas experiências de sofrimento podem encontrar algum tipo de reconhecimento. Quando o professor consegue sustentar esse lugar de



acolhimento, cria-se uma condição fundamental para o estabelecimento da confiança e para o engajamento no processo educativo.

Segundo Morin (2015), autoridade do professor, nessa perspectiva, se fundamenta na força de sua presença. Trata-se de uma autoridade ética, construída na relação, que se manifesta na consistência das atitudes, na capacidade de escutar e na disposição para sustentar o processo formativo do aluno.

A ética da escuta complexa

Inspirada nas contribuições de Christian Dunker (2020), a pesquisa desenvolve a noção de uma “ética da escuta complexa”, entendida como um modo de relação com o outro que vai além da compreensão imediata e instrumental. Escutar, nesse contexto significa acolher o que no outro aparece como enigmático, contraditório ou ainda não elaborado.

Essa forma de escuta implica reconhecer os limites da linguagem e da própria compreensão. Nem tudo pode ser imediatamente traduzido em sentido, e é justamente nesse espaço de não entendimento que se abre a possibilidade de uma relação mais ética com o outro. Trata-se de uma escuta que não busca reduzir o sujeito a categorias pré-definidas, mas que se mantém aberta ao inesperado.

Essa perspectiva dialoga diretamente com a teoria da complexidade de Morin (2015), que enfatiza a importância de lidar com a incerteza, com o erro e com o inacabado. A formação humana, nesse sentido, é um percurso marcado por avanços, recuos, contradições e ambiguidades.

No contexto escolar, a ética da escuta complexa permite repensar a relação pedagógica. O professor deixa de ocupar a posição de quem detém o saber absoluto e passa a se colocar como alguém que também está implicado no processo de aprendizagem. Isso não significa renunciar à autoridade, mas transformá-la em uma autoridade relacional, que se constrói no diálogo.

Essa escuta torna-se especialmente importante quando consideramos alunos que apresentam dificuldades ou comportamentos considerados problemáticos. Em vez de rotular ou excluir, a ética da escuta propõe compreender esses comportamentos como manifestações de processos subjetivos mais amplos, que precisam ser acolhidos e elaborados. Assim, a escola pode se tornar um espaço onde o sujeito aprende conteúdos e também encontra condições para elaborar suas experiências, seus conflitos e suas formas de estar no mundo.



A comunidade de aprendizagem e a regeneração democrática

A análise aponta, ainda, para a necessidade de transformação da escola em uma comunidade de aprendizagem, em oposição aos modelos hierárquicos e centrados na transmissão unilateral do conhecimento. Essa perspectiva implica compreender a educação como um processo coletivo, no qual professores e alunos participam ativamente da construção do saber.

A comunidade de aprendizagem se funda na circulação da palavra, na valorização das diferenças e na construção compartilhada de sentido. Nesse contexto, o conhecimento deixa de ser propriedade exclusiva do professor e passa a ser produzido na relação entre os sujeitos. Essa dinâmica favorece o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade e da capacidade de diálogo.

A noção de transdisciplinaridade, proposta por Morin (2015), é fundamental nesse processo. Ao romper com a fragmentação dos saberes, a transdisciplinaridade permite estabelecer conexões entre diferentes áreas do conhecimento, aproximando o aprendizado da vida concreta dos alunos. O saber torna-se, assim, mais significativo e integrado.

Além disso, a comunidade de aprendizagem contribui para a regeneração democrática da escola. A democracia, nesse contexto, se manifesta nas práticas cotidianas de escuta, respeito e participação. Aprender a conviver com o outro, a argumentar e a lidar com diferenças torna-se parte essencial da formação.

Esse processo exige o engajamento de toda a comunidade escolar, incluindo professores, alunos e demais atores envolvidos. A escola deixa de ser apenas um espaço de transmissão de conteúdos e passa a ser um lugar de produção de vínculos, de experiências e de sentido.

Em síntese, os resultados indicam que a articulação entre psicanálise crítica e teoria da complexidade oferece um referencial potente para repensar a educação. Ao integrar dimensões subjetivas, sociais e epistemológicas, torna-se possível conceber a escola como um espaço ético, inclusivo e capaz de lidar com as contradições do mundo contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A convergência entre a psicanálise crítica e a teoria da complexidade de Edgar Morin (2015) oferece um caminho consistente para repensar a ética na escola contemporânea. Ao invés de uma abordagem normativa, baseada em regras abstratas e prescrições universais,

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

propõe-se uma ética que se manifesta na prática cotidiana, nas relações estabelecidas entre professores e alunos e na forma como o conhecimento é produzido e compartilhado.

Assim, a ética escolar deve ser compreendida como um processo relacional, que envolve escuta, vínculo e implicação. A formação ética passa, então, pela capacidade de reconhecer o outro em sua complexidade, acolhendo suas contradições, seus limites e suas potencialidades. Trata-se de uma ética que integra o conflito como parte constitutiva da experiência educativa.

O papel do professor, nesse contexto, assume uma centralidade ainda maior. Mais do que transmissor de conteúdos, ele se configura como mediador de sentidos, guardião do diálogo e cuidador dos processos formativos. Sua é sustentar um ambiente que permita ao aluno experimentar, errar, questionar e construir sua própria relação com o saber. Essa postura exige uma autoridade se constrói na presença, na coerência e na responsabilidade pelo outro.

A noção de “ambiente suficientemente bom”, oriunda da psicanálise de Winnicott (2024), contribui de maneira decisiva para essa compreensão. Ao sustentar um espaço que acolhe o caos inicial do sujeito sem reduzi-lo a erro ou desvio, a escola pode se tornar um lugar de confiança e de criação. Esse ambiente favorece o surgimento de vínculos afetivos, fundamentais para o processo de aprendizagem, e permite que o aluno se reconheça como sujeito capaz de pensar, sentir e agir no mundo.

A ética da escuta complexa, inspirada nas contribuições de Christian Dunker (2020), reforça essa perspectiva ao destacar a importância de acolher o não compreendido, o enigmático e o contraditório no outro. Escutar, nesse sentido, é também sustentar o não saber, reconhecendo os limites da linguagem e abrindo espaço para a construção compartilhada de sentido. Essa postura ética se articula diretamente com a proposta de Morin (2015), ao exigir abertura à incerteza, ao erro e ao inacabado.

A escola, pensada como comunidade de aprendizagem, amplia ainda mais esse horizonte. Ao valorizar o diálogo, a participação e a construção coletiva do conhecimento, ela se aproxima de uma prática democrática efetiva, na qual os sujeitos recebem saberes e, ao mesmo tempo, participam ativamente de sua produção. Essa dinâmica favorece o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade e da capacidade de conviver com a diferença.

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUÍ


UNIJUÍ
UNIVERSIDADE REGIONAL

Além disso, ao reconhecer a legitimidade dos saberes populares, das experiências de vida e das diferentes formas de existir, a escola pode se tornar um espaço de inclusão real, e não apenas discursiva. Isso implica enfrentar os mecanismos de exclusão simbólica e epistemológica que historicamente marcaram a educação, abrindo espaço para uma formação mais plural e sensível à diversidade.

Assim, o ato de educar se revela como um ato profundamente ético e político, que envolve responsabilidade compartilhada na construção de um mundo comum. A articulação entre psicanálise crítica e teoria da complexidade permite compreender que a formação humana não se dá através de processos complexos, marcados por tensões, afetos e transformações.

Por fim, reafirma-se que a reforma da educação, nesse sentido, não pode ocorrer sem uma reforma do pensamento. É necessário desenvolver uma racionalidade capaz de lidar com a complexidade da condição humana, religando saberes, experiências e sentidos. Somente assim será possível construir uma escola que ensine, mas que também acolha, escute e forme sujeitos capazes de viver e transformar o mundo em sua diversidade.

REFERÊNCIAS

DUNKER, Christian. *Paixão da ignorância: a escuta entre psicanálise e educação*. São Paulo: Contracorrente, 2020.

LAHIRE, Bernard (org.). *Enfances de classe: de l'inégalité parmi les enfants*. Paris: Seuil, 2019. (Tradução livre de Fernando Jaime González).

MORIN, Edgar. *A via para o futuro da humanidade*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

MORIN, Edgar. *Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.

WINNICOTT, Donald W. *O brincar e a realidade*. Tradução de Breno Longhi. 5. ed. São Paulo: Ubu, 2024.